

Este texto tem por objetivo ressaltar o exílio de Mario Pedrosa no Chile (1970-1977). Na experiência chilena encontramos elementos importantes sobre temas muito atuais: arte, revolução, economia solidária, autogestão. Estas questões foram analisadas por Pedrosa, em suas cartas da época. Daí, o seu título de " Cartas Chilenas".

MARIO PEDROSA

AS CARTAS CHILENAS : Socialismo ou barbarie

Por Claudio Nascimento.

" En Chile es una revolución que comienza con un reformismo, es un reformismo revolucionario, y por eso es un modelo nuevo".

(Mario Pedrosa/Chile, agosto 1971)

A experiência do exílio chileno (1970-1973) teve importância enorme para Mario Pedrosa, tanto no campo político quanto no artístico. Em 72, Ele fundava o Museu da Solidariedade, "para receber as obras doadas pelos mais significativos artistas contemporâneos, num gesto universal de simpatia ao governo democrático e popular de S. Allende".

Para Mario, a revolução no Chile inseria-se num quadro maior de como via a situação do mundo: "Continuo a achar que a América (do Norte e do Sul) é hoje mais contemporânea que a Europa. Um intelectual, um proscrito de nossas bandas, onde deve estar é por aqui, ou por essas bandas. A não ser que já queira viver aposentado ou marginalizado".

Participando como animador (inclusive foi o autor do texto para o debate) da mesa-redonda, sobre arte e revolução, no Instituto de Arte Latinoamericano, em agosto 1971, Mario Pedrosa afirmava: " La ideología es fundamental en todo el mundo, porque se trata hoy de saber si hay que optar por el socialismo o por el barbarismo. No hay mas posibilidad de una reforma en el mundo capitalista que sea progresista. Todas las reformas hace mucho que son fascistas, son reformas contrarrevolucionarias".

Assim, retomava o dilema posto muito antes por Rosa Luxemburgo, entre socialismo e barbarie, e que, Mario tomará como uma constante em sua visão do mundo da década de 70.

Nas suas cartas, enviadas a parentes e amigos, Mario Pedrosa realça sempre o papel da classe operária no processo chileno. Vejamos o papel que essa classe desempenhou, através de formas de luta e de organização autônomas.

Praticas Autogestionarias

No Chile da UP, durante a crise de outubro de 1972, surgiram praticas autogestionarias que marcaram o periodo de mobilizacao das massas chilenas. Vamos retracar alguns elementos deste rico periodo da historia do pais andino.

A Unidade popular foi uma alianca de partidos de esquerda formada com vistas as eleicoes de 1970. repousava, essencialmente, na alianca entre PS e PC. com a vitoria da UP, em novembro de 1970, um novo periodo historico se abriu para os trabalhadores chilenos. O programa basico da UP, em seu capitulo referente a nova economia, estabelecia que ,

"As forcas populares unidas, buscam como objetivo central de sua politica, substituir a atual estrutura economica, terminando com o poder do capital monopolista nacional e estrangeiro e do latifundio, para iniciar a construcao do socialismo".

O primeiro ano de governo da esquerda foi de euforia economica: aumento da producao e do consumo, queda do desemprego e da inflacao. Foi o ano da reforma agraria, das grandes nacionalizacoes e da formacao das Areas de Propriedade Social (APS).

Sobre a reforma agraria: no primeiro ano surgem no campo, atraves de lutas violentas, novos orgaos do poder de massa, sobretudo no Sul (Cautin e Colchagua). Sao os Conselhos Comunais Camponeses formados pela "base", superando os projetos iniciais do governo e acelerando a reforma agraria. O Conselho Comunal de Cautin, por exemplo, foi fundado em eleicao livre na base, em um congresso com 220 delegados.

Sobre as APS: em 7.11., Allende subscreveu um Acordo com a CUT, instituindo a participacao dos trabalhadores na transformacao da estrutura economica e social do pais. Assim, surgiram as "Normas Basicas de Participacao" dos trabalhadores nas empresas da area social e mixta da economia.

O Acordo CUT-Governo defendia 5 organismos por empresa: Assembleia de Trabalhadores da empresa; Assembleia de unidades produtivas; Comite coordenador de trabalhadores e, Conselho de administracao.

A Assembleia de Trabalhadores tinha por funcao:

.discutir os planos e politicas de producao da empresa, de acordo com as linhas gerais estabelecidas para o ramo respectivo pelos organismos de planificacao nacional e setorial;

.eleger os representantes dos trabalhadores, perante o Conselho de Administracao;

.solucionar os conflitos que surgem no comite Coordenador de Trabalhadores da empresa, sobre a aplicacao da politica fixada pela Assembleia de Trabalhadores.

O Comite de Producao, por sua parte,

.formar consciencia da importancia da propriedade social dos meios de producao;

.assessorar o chefe da unidade produtiva, fazendo sugestões convenientes para o melhor funcionamento da unidade de produção, com discussão previa e votação no comitê de Produção.

Em 21 de maio de 1971, Salvador Allende proclamava:

"No plano econômico, instaurar o socialismo significa substituir o modo de produção capitalista mediante uma mudança qualitativa das relações de propriedade e uma redefinição das relações de produção. Neste contexto, a construção da Área de Propriedade Social tem um significado humano, político e econômico...

No campo político, a classe trabalhadora sabe que sua luta é por socializar nossos principais meios de produção. Não há socialismo sem Área de Propriedade Social... O estabelecimento da APS não significa criar um novo capitalismo de Estado, mas o verdadeiro início de uma estrutura socialista. A APS será dirigida conjuntamente pelos trabalhadores e pelos representantes do Estado..."

Na APS, os "comitês de produção" foram os únicos organismos que funcionaram em quase todas as empresas. A participação só atingiu 20% da classe trabalhadora. A extensão das APS iria refletir a pressão exercida por numerosos setores da classe operária. Surgiriam inúmeros conflitos sociais: os trabalhadores de empresas ameaçadas de falência buscavam assegurar a estabilidade do emprego e na renda, através de greves com ocupação, seguidas de reivindicação pela intervenção do estado, preparando a passagem para a APS.

O número de grevistas na indústria privada foi multiplicado por 10 entre maio de 1971 e maio de 1972. Mais de 250 empresas foram colocadas sob regime de intervenção estatal em 1972; em 1971, essa cifra foi de 91 empresas.

Um total de 80 empresas, com cerca de 10.000 operários, recusadas de integração a APS, foram convertidas em Cooperativas Operárias, e, reagrupadas numa Federação das Empresas e das Brigadas de Trabalhadores. A APS e as Cooperativas foram as duas formas heterogêneas de participação tendendo à formação de coletivos operários, quase proprietários dos meios de produção.

As ocupações de fábrica foram impulsionadas pelo Movimento de Esquerda revolucionária (MIR) e pelo Partido Socialista (PS). A linha do então ministro Yuskovic, do PS, defendia o Controle Operário nas empresas, em disputa com a DC.

O despertar da classe operária teve sua origem no descontentamento que se expressou nos trabalhadores e nos bairros populares frente à nova política econômica, resultante de um acordo com a pequena e média burguesia, e contra as altas de preço.

As lutas de outubro 1972, mostraram a necessidade de coordenação das tarefas nas áreas industriais e de defendê-las através de estruturas de caráter popular. Nasceriam, assim, os "Cordões Industriais", a expressão mais dinâmica e vigorosa do poder popular chileno. Na história das lutas do continente, a classe operária jamais havia demonstrado uma capacidade tão grande de recursos políticos. Os trabalhadores tiveram a totalidade das fábricas em seu poder; durante 26 dias assumiram o controle da produção e da distribuição. Nos principais centros industriais de Santiago foram criados 7

"Cordoes", exclusivamente baseados no proletariado industrial. O primeiro deles, data de junho. Uma serie de greves explodiram neste mes na zona industrial "Cerrillos-Maipu" numa serie de medias empresas. Os operarios ocuparam as fabricas reivindicando a passagem para APS. O Governo envia os carabineiros; 18 fabricas entram em greve e um Comando Comunal foi fundado. Os trabalhadores se declararam em assembleia permanente.

Em julho-agosto, o Governo assinou decretos de restituicao das fabricas ocupadas.

Um dos objetivos dos "Cordoes" foi a constituicao de organismos mais amplos, formados nao apenas por trabalhadores, mas tambem por outros setores: populacao de bairros, estudantes, camponeses e organizacoes de vizinhos (Clubes de Maes, Juntas de Distribuicao e consumo, etc). Esta reuniao das forcas populares de um setor geografico foi chamada de "Comando Comunal". Pretendia-se a criacao de um poder popular, alternativo ao da burguesia. Em 1970, por exemplo, foi criada a "Comuna de Cisterna", no bairro popular Clara Estrella; mais de 7.000 habitantes lutando por asfalto, habitacao e transportes. Mais de 805 deles, eram operarios das industrias de Santiago.

O outubro chileno, do qual Mario Pedrosa vai falar em suas cartas, marcou o aparecimento de um projeto de socializacao das relacoes de producao, vivido concretamente na luta. Nesse mes, a luta de classes atingiu um nivel muito alto e violento. Em outubro, a batalha pela sustentacao da producao, boicotada pela burguesia, e a batalha pelo poder de classe, tornaram-se uma só luta, uma mesma linha politica de massa.

As hostilidades da burguesia comecaram no dia 11, com a greve ilimitada dos proprietarios de transporte (camioneros); em seguida, diversos setores da pequena e media burguesia aderiram e, enfim, os patroes tentaram para a producao atraves do lock-out tecnico.

O carater esencial da crise de outubro, foi dado pela mobilizacao e organizacao espontanea da populacao nos bairros populares e nas empresas. Um fato magnifico, nas palavras de Mario Pedrosa. A partir de 15 outubro, os Coletivos Operarios asseguraram a producao e organizaram a seguranca contra os atentados terroristas que se multiplicavam contra as instalacoes fabris.

Em Santiago, e em torno da cidade, surgiram, entao, os novos orgaos do poder operario: os "Cordoes Industriais". Assembleias gerais agrupavam os operarios delegados em todas as empresas de uma zona industrial, criando as coordenacoes operarias locais. Os "Cordoes" se institucionalizam; reagrupam tambem os representantes dos orgaos populares dos bairros vizinhos.

O conjunto das atividades necessarias a manutencao da producao, da distribuicao e do consumo, dos servicos de saude, é coordenado ao nivel superior, pelos Comandos Comunais, representando as comunas suburbanas, os conselhos camponeses e os centros de reforma agraria.

O movimento de outubro modificou a situacao nas empresas. Mesmo as pequenas, menos estrategicas, haviam se transformado em nucleo de poder popular e de controle operario. Apos o fim da crise, o retorno dos patroes a direcao das empresas parecia sem sentido para os trabalhadores que tinham ocupado e posto em funcionamento as fabricas

durante o lock-out. Assim, os trabalhadores mantiveram as ocupações e reivindicavam a passagem ao setor das APS.

Por exemplo, na fábrica "DEVA", serralharia, os operários mantiveram a ocupação e reivindicaram a passagem ao setor Social. Era uma empresa média, com 200 operários. Foram ameaçados de expulsão por ordem judicial, contudo, foram protegidos pela solidariedade de toda a zona industrial de CONCHALI, que se organizou em um Comitê de Coordenação.

Em setembro de 1973, no mês do golpe, um projeto de lei, chamado de "MALLI", sobre a definição do setor social foi enviado ao Congresso. O projeto previa a expropriação de 42 empresas, a maior parte já ocupada pelos trabalhadores e posta sob "intervenção" estatal ou autogeridas pelos comitês de trabalhadores, eleitos durante o mês de outubro de 1972. Este projeto previa a criação de um "comitê de casos especiais", gerido pelo Ministério do Trabalho e, não excluía a devolução das empresas aos antigos proprietários. Uma fórmula de compromisso, de co-gestão entre Estado-Trabalhadores, chamada de "administração integral", também estava prevista no projeto.

Em 25 e 26 janeiro, os trabalhadores da zona industrial de MAIPU, organizados desde a crise de outubro 72, ocupam o bairro e armam barricadas. O projeto foi recolhido após várias discussões no interior da UP. Os "Cordões Industriais", de Santiago, adotam uma Plataforma de luta:

"Nós, trabalhadores dos cordões industriais, avançamos como programa de ação de classe:

- a luta pela passagem às mãos dos trabalhadores do setor socializado de todas as empresas que produzem os bens de primeira necessidade, do setor de alimentação e das fábricas de material de construção;

- a expropriação das explorações de mais de 40 hectares (irrigados); confiscação da terra e nacionalização da exploração agrícola;

- constituir um controle operário da produção e um controle popular da distribuição. Os trabalhadores decidirão o que produzir para o povo, o uso dos lucros, e os locais para armazenar os alimentos. Para isto, nós chamamos à constituição imediata de comitês de vigilância operária em todas as empresas do setor privado;

- a luta para implantar uma direção operária em todas as empresas do setor socializado;

- não devolução de nenhuma empresa que esteja em mãos dos trabalhadores. Retirada imediata do "Projeto MILLA";

- poder de sanção das Juntas de Distribuição e Consumo (JAP) e dos comandos das comunas. Controle do que é fornecido aos comerciantes e castigo para aqueles que não vendem, que especulam. Fechamento de seus comércios e venda direta à população. Os operários dos cordões industriais se mobilizarão para tornar este poder efetivo;

- chamamos todos os trabalhadores a constituírem os comandos industriais por cordões e os comandos comunais, único meio para a classe operária de dispor de um organismo de ação, eficaz, capaz de mobilizar e de propor novas tarefas.

Nós cremos que, controlar os meios de produção e distribuição, é consolidar o processo, é criar uma nova economia em mãos da classe operária, é avançar. É por isso que nos opomos a qualquer concessão à burguesia... Exigimos que nos abram as portas para participarmos diretamente na busca das soluções dos problemas".

Cordões Industriais de Santiago, Comandos Comunitários,

Coordenação nacional da Construção, fevereiro de 1973.

As JAP, eram coletivos populares de bairro, aglutinando os consumidores e os pequenos comerciantes, com o objetivo de gerir a distribuição, controlar os preços, lutar contra os atravessadores e o mercado paralelo. Foram lançados em julho de 1972, representando uma força organizada que se desenvolvia baseada no controle que o Estado tinha sobre a distribuição, devido à nacionalização de vários monopólios de comércio em grosso.

A primeira Assembleia provincial das JAP da grande Santiago, foi realizada em 5 de março. Para formar uma JAP, era suficiente uma assembleia de bairro onde se ajuntavam as juntas de vizinhos, clubes de mãe, associação de jovens e pequenos comerciantes. A Assembleia elegia uma comissão e a registrava no bureau da "DIRICO" (Direção Industrial e Comercial do Ministério da economia) e no posto de carabineiros mais próximo.

Em 22 e 23 de março de 1973, foi realizado um Congresso Popular sobre a distribuição e consumo; participaram:

- .62 delegados das "casas do povo", da comissão provincial;
- .4 delegados dos cordões industriais;
- .5 delegados dos conselhos comunitários camponeses das comunas suburbanas;
- .80 delegados dos comandos de distribuição da província.

Aprovaram as seguintes proposições:

-expropriação de todas as grandes indústrias privadas da alimentação e sua passagem ao setor de propriedade social, sob a direção operária dos trabalhadores. O controle operário na pequena indústria;

-expropriação de todas as grandes empresas de distribuição privada;

-expropriação de todos os domínios agrícolas superiores a 40 hectares de terra irrigadas ou equivalentes e a "portas fechadas" sem direito a reserva para o patrão. Controle operário da produção em todos os domínios inferiores a 40 hectares. Tudo isto sob a direção dos conselhos comunitários camponeses; -a criação de uma Central Única de Distribuição, centralizando toda a produção nacional e as importações sob o controle popular;

.a distribuição sob o controle dos Comandos comunitários de Trabalhadores. A criação de casas do povo controladas e dirigidas pelos habitantes em todos os bairros onde não haja comércio privado já estabelecido. Onde exista o comércio, o controle da distribuição pelos habitantes utilizando o cartão de distribuição do consumo;

.eleicao e formacao de um comando provincial unico do consumo e de um comando nacional unico;

.hoje,em cada comuna e mesmo nos bairros,existe uma grande diversidade de organizacao (associacao de vizinhos,comites de casas do povo,JAP,sindicatos,etc).Devemos unir os esforcos de todos os camaradas numa só organizacao,os comandos de trabalhadores..."

Apos o mes de maio 1973,o golpe militar tornou-se a unica saida logica para a direita.Em 21 de junho,no curso de uma manifestacao de masas,convocada pela CUT,reunindo 700.000 participantes,Allende pela primeira vez defendeu o reforco do poder popular atraves dos "Cordoes".Em julho,ocorreu a tentativa de putsch chamada de "TANCAZO"(golpe dos tanques) a partir do 2 regimento Blindado,que cercou o Placio do governo,"La Moneda".A tentativa fracassou,mas serviu como balao de ensaio para as forcas reacionarias.

Eder Sader,que viveu este processo afirma que "o movimento de massas mostrou suas possibilidades no primeiro semestre de 1973.Em marco,apesar de enfrentar o pior momento da crise economica sob a UP,o voto popular assegurou 44% para o governo,impedindo as esperancas direitistas de um golpe branco.Em junho,nova onda de ocupacoes de empresas e a esquerda varreu os bandos fascistas das ruas de Santiago.Desesperado,um setor aventureiro desencadeou a intentona de 29 de junho.O proletariado respondeu com centenas de novas ocupacoes, novas formas de poder popular e um acelerado processo de armamento.Porem,Allende entregou toda a defesa da ordem aos mesmos institutos militares que sufocavam os golpistas ao preco de controlar o pais e congelar a mobilizacao popular".

Os comandos comunais e os cordoes industriais mostraram uma grande capacidade de mobilizacao e de resistencia .Um novo aspecto do poder popular foi ,entao,desenvolvido: o militar.O comando comunal representava o polo revolucionario.O secretario-geral da CUT,Manuel Dinamarca,declarava:

"O comando comunal é uma organizacao nova que pretende realizar a transferencia do poder institucionalizado burgues para a institucionalidade proletaria.Isto deve desembocar num exercicio concreto de poder...Por exemplo,no norte de Santiago,os comandos aplicam as decisoes em materia de saude e transportes em comum(prolongamento ou modificacao de itinerarios).Vai chegar um momento em que o Comando vai dar as ordens sobre a colocacao dos creditos de uma sucursal bancaria local,decidir sobre a implantacao de uma industria na zona e finalmente,vai dar as ordens aos outros tipos de organismos,como as prefeituras.Os comandos vao surgir com ou sem o consentimento do Congresso e se fortalecerao como orgao do poder popular pela resolucao dos problemas concretos e pela capacidade de mobilizacao da populacao na busca de solucoes.Os Cordoes, como a CUT,sao organizacoes de trabalhadores, independentes do Governo,dos partidos,das instituicoes do pais."

A classe operaria mobilizada nos "cordoes"apresenta um espirito ofensivo formidavel.A "Instrucao numero 1"do "Cordao VICUNA-MACKENNA"testemunha as medidas concretas adotadas pelo "cordao"e pela CUT:

"-ocupar todas as fabricas;

- organizar as brigadas de 11 camaradas e um chefe.os chefes destas brigadas e os membros da direcao sindical dirigirao a empresa;
- centralizar,no interior das fabricas,os veiculos e todo material,podendo servir a defesa da fabrica,da classe operaria e do governo;
- de hora em hora,as fabricas tocarao suas sirenas para assinalar que a situacao está normal.Se a situacao é anormal,a sirena deve soar de forma continua para pedir ajuda;
- permanecer constantemente na escuta da "Radio Corporacao",mesmo se a cadeia nacional funcionar;
- manter contato permanente com as fabricas vizinhas;usar mensageiros;
- organizar assembleias e divulgar a presente "Instrucao"aos camaradas de todas as empresas".

Entretanto,a mobilizacao de massa,a epoca do "Tancazo",nao foi utilizada no sentido de uma ofensiva contra as forcas militares,entao divididas.

Os grupos de auto-defesa operaria nao foram considerados pelo Governo como um ponto de apoio fundamental.A DC,atraves de Frei,denuncia no 8 de julho,a formacao das milicias operarias.A partir desta data,a Armada aplica sistematicamente a "Lei do controle de armas".Centenas de perseguicoes violentas foram dirigidas contra as fabricas e as sedes dos partidos de esquerda,em busca de armas.Tres dias antes do golpe,800.000 pessoas desfilaram para apoiar Allende e para reclamar armas.

A partir do "Tancazo",cerca de 100 fabricas foram ocupadas pelos trabalhadores,exigindo a passagem a APS.A 10 de julho,a CUT se pronuncia em favor do retorno a normalidade nas fabricas ocupadas.Ems setembro,os fascistas dirigidos pelo gal.Pinochet,dao o golpe de Estado,estabelecendo uma ditadura militar terrorista.

Vejamos duas experiencias importantes do periodos:

1ª= do "Cordão Industrial" Cerrillos-Maipú.

2ª= da Fabrica Textil YARUR

Em seu livro " La Lucha de Clases en Chile",Manuel Castells analisou a " batalha da produção".

" sabemos que a " batalha da produção" tem um significado politico...mas o problema que se poe é o da relação entre o cumprimento desta bandeira e os interesses especificos da classe operaria.Mais ainda,supondo que esta fosse uma linha politica justa, se presupõe a mais alta consciencia operaria,em lugar de construi-la atraves de uma pratica que articule a consciencia espontanea reivindicativa e a alta mobilização de luta luta economica,com as tarefas politicas propostas.

Com efeito,a concreção politica e organizativa do papel politico determinado (a batalha da produção) é a formação de " comites de

vigilância da produção" em todas as empresas, cujas tarefas são: " informar, discutir e resolver com os executivos da empresa os problemas apresentados...Preocupar-se com a manutenção de maquinarias e equipe e informar sobre os problemas que surgem ou que se possam prever do abastecimento de reposição...Vigiar o ausenteísmo, injustificado, impulsionando e criando a reponsabilidade no trabalho"(Documento da CUT).

Tal estratégia, combina com a agudização da luta reivindicativa e com o clima político geral, conduz, em sua prática, a vários resultados bastante diferentes dos esperados na tática da batalha da produção:

1. Por um lado, nas empresas em que a patronal tem a iniciativa, os comitês apenas têm apenas o papel de denunciar possíveis especulações e agrupar fundamentalmente aos quadros políticos da UP.
2. No caso de empresas realmente fraudulentas ou abandonadas por seus donos, se produz uma mudança natural da gestão da empresa para as mãos dos trabalhadores, reforçando-se assim um processo já iniciado há 4 anos com a crise do capitalismo chileno e que chegou a constituir, em 1972, a Federação de Empresas e Brigadas de Trabalhadores, que abrange, em todo Chile, 80 empresas e 10.000 trabalhadores. Esta " Área Social do Pobre" refurou, após uma experiência de capitalismo cooperativo, a propriedade privada das empresas limitando-se a manter o poder de decisão interno e ligando-se, como apêndice auxiliar, na área social, pese à resistência de alguns funcionários que raciocinavam em termos de rentabilidade.
3. Mais importante é o caso em que a mobilização dos trabalhadores a partir dos comitês de vigilância, os leva a " vigiar" verdadeiramente a marcha da empresa, através de sua contabilidade, organização do trabalho, etc...instaurando assim uma certa forma de controle operário. Agora, na medida em que estas práticas vão além dos objetivos prefixados pela CUT e em que se impõem só com uma correlação de forças altamente favorável aos operários da empresa, desembocam com a tomada da empresa e na petição de sua passagem para área social...

Um exemplo espetacular desse processo foi a série de greves e ocupações que se produziram em junho de 1972 no cordão industrial Cerilos-Maipú, na periferia de Santiago, a maior concentração operária do Chile. Os trabalhadores das três empresas médias e dinâmicas (Perlak, conservas; Fantuzzi, aparatos domésticos; Polycron, fibra sintética) se declararam em greve e ocupação das empresas, em apoio de suas petições salariais e exigindo a intervenção e a passagem para área social. Ao mesmo tempo, desenvolviam-se as conversações PC-PDC em particular em torno aos limites da área social. Portanto, o Governo diferiu a resposta e os carabineros começaram a patrulhar o setor, pois a justiça ordenou o despejo. Os operários de 18 indústrias da zona entraram em greve, formando um Comando Comunal e reunindo-se em assembleias constantemente. Uma delegação invadiu a sede do Ministério do Trabalho, que aceitou discutir com os trabalhadores, acompanhada por dirigentes comunistas da CUT. Como, estes tinham denunciado violentamente o movimento como uma provocação, os dirigentes sindicais de Perlak (socialistas) se opuseram a entrada dos cuadros do PC na empresa. Na discussão que se seguiu, os operários trataram a ministra comunista de " burguesa" e esta respondeu esbofetando o secretário do sindicato...No 24 de junho, o Comando de Trabalhadores de Maipú-

Cerrillos construiu barricadas nas ruas de toda a zona, chamou à mobilização geral e emitiu um manifesto político de apoio ao Governo, mas com limitações.

Diante da decisão e da força do movimento, o Ministro da economia anunciou a requisição de "Perlak", a pronta intervenção de outras duas empresas e a satisfação das principais reivindicações das restantes. O movimento, levado a margem, e inclusive contra a Cut provincial, foi conduzido por militantes socialistas, MIR, do PCR, do PCBR e de outros grupos de extrema esquerda, e violentamente denunciado pelo PC.

Pela primeira vez, um movimento operário de massa se erigia em linha de esquerda, autônoma, sem romper com a Unidade Popular, porém pondo-se objetivos políticos mais amplos que a batalha da produção. O triunfo desta linha no seio desse proletariado oscilando entre o economicismo sindical e a batalha da produção, significava a liquidação definitiva do esquema geral de aliança com uma fração da burguesia. Por isso, se seu triunfo e sua amplitude surpreendeu o Governo, as ações operárias subsequentes do mesmo estilo começaram a "Ter outra cara".

Peter Winn, em seu livro "Weavers of revolution/the Yarur Woekers and Chile"s Road to Socialism", resultado de uma pesquisa com os trabalhadores da empresa têxtil "Yarur". Mostra esse processo em que os operários, após tomarem a direção do sindicato do ramo, a nível local, ocupam e assumem a direção da empresa.

"Ex-yarur" foi a primeira indústria chilena a inaugurar, em 25 abril 1971, o sistema de controle operário/autogestão. A empresa era dirigida por "comitês de produção" eleitos em cada seção de trabalho, e com Assembleias periódicas. Ocorreu uma verdadeira "revolução cultural", uma radicalização, pois, no processo, "os apatronados se transformaram em populistas; os populistas, em reformadores radicais; e, os reformadores radicais em revolucionários". Em setembro de 1972, haviam 5 partidos articulados na empresa (Comunista, Socialista Democracia Cristã, MAPU, e MIR (FTR), com clara hegemonia de esquerda. Durante os 17 meses de seu processo, Ex-Yarur foi um sucesso de gestão, econômico, social e político. "Ex-Yarur foi uma "escola de socialismo".

Assim, "Ex-Yarur" foi a pioneira de um processo de "participação operária" que atingiu 40 empresas da Área de Propriedade Social, através do que P. Winn chamou de "Socialismo por baixo".

"Ex-Yarur" foi um dos principais fundadores do Cordão Industrial de O'Higgins, ao lado do Cordão Cerrillos e do Cordão Vicuña Mackenna, era dos maiores de Santiago. Em resposta a greve patronal de Outubro, os trabalhadores fundaram os Cordões Industriais em todo o país. Assim, "Ex-yarur" ampliavam sua revolução a comunidade e a outras fábricas.

Passemos a palavra a Eder Sader, que também viveu esta experiência chilena. Sader em "Um Rumor de Botas", (ofertado, entre outros, para Santos Roemo, "trabalhador da Fábrica Perlak, no cordão industrial de Cerrillos de Santiago, que assumiu com seus companheiros a direção da empresa e quis produzir alimentos para as crianças da periferia em vez de lucros para seus patrões. Para você, Santos Romeo, fuzilado com seus

companheiros naquela tarde de setembro de 1973 no Estadio nacional do Chile), dedica varios capitulos ao Chile da UP. Dele, vamos nos limitar a analise das forcas politico-partidarias de esquerda: O PC, o PS, o MIR.

Para Eder, "As diferencas de concepcao tatica foram, por certo, ainda maiores que as estrategias no interior da UP. Assim, se no PS tendia a prevalecer uma disposicao em por enfase nas tarefas socialistas e na criacao de um poder alternativo, no PC prevalecia uma concepcao de etapa democratica e antiimperialista mais marcada e uma maior oposicao aos embrioes de poder popular".

Eder resume a politica da UP, "Trata-se, assim de, partindo do controle do executivo, golpear a base economica do grande capital e estimular as organizacoes de massa a tomar todo o aparato estatal, criando, de tal modo, um novo poder no mesmo espaco onde deveriam estar as defesas do poder burgues". A UP no Chile "partia da posse de "uma parte do poder" para iniciar a transicao economica para o socialismo, cujos resultados praticos lhe fariam ganhar a maioria necessaria para entao tomar o poder "em sua plenitude".

EM relacao ao MIR, Sader afirma que , no momento em que a classe operaria, apoiada no Governo Allende, travava seu combate contra a burguesia, o MIR constituiu -se num polo revolucionario: "a chegada da UP ao governo nao resolvia o problema do poder, porem colocava-o ao criar uma situacao pre-revolucionaria pelo inabsorvivel de sua politica e pelo estimulo que dava a generalizacao e radicalizacao do movimento de massas. Ao faze-lo, o MIR delineia, novamente, a politica revolucionaria, que consistiria na criacao, a partir da propria dinamica desse movimento de massas, duma alternativa de poder, escamoteada na concepcao da UP".

A linha revolucionaria estava "na politica de controle operario da producao, controle popular da distribuicao, organizacao do poder popular nos campos, acampamentos, comunas e cordoes se tornava o elemento fundamental da politica revolucionaria".

Breve Cronologia da Unidade Popular (Eder Sader)

1970

4 de setembro - Salvador Allende vence as eleicoes presidenciais com 36,3% dos votos, contra 34,9% de Jorge Alessandri (Partido Nacional) e 27,8% de Radomiro Tomic (Democracia Crista).

22 de outubro - Um grupo terrorista de direita assassina o chefe das Forcas Armadas, quando procurava sequestra-lo para pressionar o Congresso a nao referendar a vitoria de Allende.

24 de outubro - O Congresso ratifica a vitoria de Allende (formalidade necessaria, desde que ele nao obtivera 50% dos votos)

4 novembro - Posse de Allende

7 dezembro - Acordo CUT-Governo pelo qual se institucionaliza a participacao dos trabalhadores na gestao das empresas que estiverem sob controle estatal.

1971

6 janeiro - Decreto que regulamenta a criação de Conselhos Comunitários Camponeses, que intervirão na execução da reforma agrária.

4 abril - Nas eleições municipais, os partidos da UP suplantam a votação dos partidos de direita.

8 junho - Grupo terrorista de esquerda assassina ex-ministro democrata-cristão.

11 julho - A nacionalização das minas de cobre é aprovada por unanimidade no Congresso.

20 outubro - O projeto de constituição da "área de propriedade social", a base de um processo de nacionalizações de empresas monopolísticas e estratégicas, é rejeitado no Congresso.

10 novembro - Chegada de Fidel Castro, para uma estadia de um mês.

1 dezembro - Marcha das "panelas vazias", promovida por donas-de-casa vinculadas aos partidos direitistas.

1972

12 abril - "Marcha da democracia" contra a UP reúne 200 mil pessoas em Santiago.

18 abril - Como réplica, em apoio ao governo, 400 mil realizam uma "marcha pela pátria".

5 junho - No Conclavo de "Lo Curro", reunidos representantes de todos os partidos constituintes da UP, abandona-se a linha econômica de Pedro Vuskovic (PS) que procurava avançar nas nacionalizações, em troca de uma política de estímulos à inversão privada e negociações com a Democracia Cristã.

27 junho - Surge o "Cordon Cerrillos": operários da área industrial de Cerrillos ocupam a zona para forçarem a nacionalização de 3 empresas.

27 julho - Reúne-se em Concepción uma "Assembleia do Povo", congregando grande variedade de organizações populares.

11 outubro - Inicia-se grande paralisação dos motoristas de caminhão. No dia seguinte deflagra-se uma paralisação geral das classes proprietárias. É o chamado "paro de outubro", que visava criar o clima para a derrubada de Allende. Mas, como resposta, estende-se pelo país ampla rede de organizações de poder popular, através da qual os próprios trabalhadores e os militantes da esquerda asseguram a produção industrial e o abastecimento nos bairros populares.

30 outubro - Constitui-se um ministério com a inclusão de oficiais das Forças Armadas, que assegurarão os limites legais para as reformas impulsionadas pela UP. Os organismos de poder popular são contidos. A greve patronal termina.

1973

24 janeiro - Divulgação do plano Millas (o ministro da Economia, do PC, que substituiu Vuskovic). Nos dias seguintes os trabalhadores do

Cordon Cerrillos erguem barricadas para oporem-se quaisquer devolucoes de empresas.

4 marco - Nas eleicoes legislativas a UP obtem 44% dos votos e, assim, as cadeiras obtidas pela direita nao sao suficientes para a votacao de um impeachment contra Allende.

17 abril - Inicia-se a greve dos mineiros de El Teniente, impulsionados pela Democracia Crista, por elevacoes salariais. Nas semanas que seguem, ocorrem sucessivos conflitos de rua.

29 junho - Putch militar contra Allende, derrotado em poucas horas gracias a intervencao energica do ministro da Guerra, general Prats.

26 julho - Inicia-se nova greve dos caminhoneiros em meio a varias acoes terroristas de direita e provocacoes. Um grupo assassina o adido naval de Allende. E quanto isso, as Forcas Armadas comecam a esquadrihar empresas e bairros populares para "apreender armas". Marinheiros que denunciam preparacao de golpe sao presos por "atentado a disciplina".

21 agosto - A maioria do corpo de oficiais pede formalmente a demissao de Prats, ja bastante isolado na alta oficialidade.

23 agosto - A Camara de deputados aprova mocao apresentada pelo Partido nacional e pelo Partido Democrata Cristao, que declara ilegal o governo.

24 agosto - O general Prats se demite e em seu lugar e nomeado o general Augusto Pinochet.

4 setembro - 800 mil pessoas saem as ruas no 3* aniversario da vitoria de Allende para expressar-lhe seu apoio.

10 setembro - Os operarios da Textil Sumar resistem a uma operacao militar que pretendia resgatar armas.

11 setembro - Levantamento militar comandado pelos chefes das Forcas Armadas. Liquidadas as resistencias nos ministerios e empresas nacionalizadas. A aviacao bombardeia o palacio do governo, onde Salvador Allende encontra a morte.

A dinamica do poder popular

Vejamos, atraves de suas cartas, como Mario Pedrosa analisou o processo chileno. Eis como Pedrosa via a sua situacao de exilado. Em carta de julho 72, dizia "A situacao do Chile esta agora numa fase bem decisiva, e continuo a achar do maior interesse. A fase critica comeca a aproximar-se, e o pessoal comeca a dar-se conta disso. A experiencia que se vive e fascinante, apesar das dificuldades que por vezes aparecem e chateiam".

Em setembro de 1972, escrevia a amigos, avaliando a situacao. "Nossa avaliacao da situacao? Mas isso, apesar da fria analise que possamos fazer, e tao subjetivo.

A crise de poder agravou-se enormemente no mes passado e inicio deste. Com as altas de precos que o governo permitiu, subitamente, na

esperança de poder frear o mercado negro e dar então um reajuste geral generoso as massas proletárias capaz de cobrir as altas, em outubro, a burguesia inteira acreditou chegada a hora de, agitando cassarolas, tomando as ruas, fechando o comércio, fazendo greves de caminhões e autos, tratando a porretes e correntes os que encontravam pelo caminho poder tornar a situação insustentável para o governo, e obrigar Allende a capitular ou entregar-se as forças armadas. Com a CIA e o imperialismo, a ofensiva morna era poderosa. Mas houve um basta. E quem o deu foi a classe operária, agindo a lá 1917 na Rússia".

Mario descreve então a dinâmica da participação operária, muito na sua visão da revolução ativa de massas.

"Ao chamado do governo e da CUT, as massas saíram a rua e desfilaram horas diante do palanque presidencial, ocupando inclusive os bairros mornos, chics, como Providencia. A direita, que jamais esperou essa formidável resposta da massa a convocação numa hora de tantas dificuldades e altas incriveis de preços, encolheu-se. A DC, cuja base proletária da CUT formou com o resto da classe, e sua direção, firmou o apelo da CUT para ocupar fábricas usinas e tudo em caso de ameaça de golpe, não prosseguiu na ofensiva, com medo da resistência no seu flanco esquerdo a qualquer manobra de golpe com a direita parafascista e fascista."

Pedrosa analisa as manobras "por cima" para conter as massas: "desde então desobriu-se o complot de setembro, a Op. Teve de desistir da marcha de 12 de setembro, e o movimento refluiu, ficando os boatos, inclusive de sabotagem da parada (amanha) tradicional aqui das fiestas patrias, que é a época do carnaval chileno".

Prossegue com grande visão política ao discernir claramente a postura das forças reacionárias: "Foi esta a terceira ou quarta tentativa de virar a mesa feita pela direita, desde a tentativa de impedir a posse de Allende, pela ITT, e o assassinato do general Schneider. Certamente novas tentativas virão, mas sobretudo na tentativa de impelir as Forças Armadas a uma intervenção maciça, coisa que para conseguir-se necessita tempo e mais tempo, e um processo de politização nos seus quadros dirigentes que é complicado. Não há entre eles nenhum líder a vista ou em formação..."

Mario ressalta o papel dos trabalhadores no processo chileno, sem dúvidas, a partir de sua visão política de forte conotação luxemburgiana.:

"O que caracteriza a situação política atual é o processo de crescente conscientização da classe trabalhadora. Isso começou a acentuar-se nas fábricas e usinas tomadas da área social. A coisa é de tal ordem que ameaça os próprios burocratas dos partidos. E tudo culminou com o ato público de 4 de setembro. A classe sente que o que está em jogo é o seu governo, que esta é a sua hora. A pressão é tal alta que os dirigentes sindicais do PC se sentem cada vez mais da classe, e menos do partido. Este, por sua vez, teve que fazer uma reviravolta a esquerda, e para com o sectarismo anti-esquerda. Toda a UP sabe hoje que afinal não se trata de ganhar eleição, mas o poder".

Este processo operário de autogestão das fábricas, sem dúvidas, levaria Mario, já na França, a estudar a obra de Anton Pannekoek, "Os Conselhos Operários", e lhe marcaria quando da volta ao Brasil, em outubro de 1977, na situação das greves de 1978 em diante.

Prossegue analisando a dinamica autonoma e autogestiuonaria dos trabalhadores:

"Tomar usinas, fabricas, bancos, terras, com jeito, interpretacoes e perito se faz e se tem feito, com mais ou menos acidentes e choques. O aparato legislativo grita, o aparato da justica zurra, reclama, sabota. Mas a cousa feita, feita fica, e nao se volta atras, em geral, pois os trabalhadores se poem de permeio."

Para Mario, a politica economica do governo da UP chocava-se com a "legalidade" do mercado. "Impor, porem, que as mercadorias circulem pelos seus canais de distribuicao "normais" e cheguem aos estuarios a tempo, em quantidade e a precos cristaos, ah, isso é outra cousa. 30% delas é desperdicado de saida, contrabandeado e mais ainda é acambarcado. aqui as interpretacoes da legalidade nao teem cabida, a barragem dos operarios nao tem onde operar."

Neste contexto, "O que importa entao é chamar a iniciativa da base para ir as fucas dos acambarcadores, controlar precos, o diabo. Sao as juntas populares que se organizam por toda a parte. Enquanto isso se faz, o governo trata de organizar seu aparelho de distribuicao proprio, com suas frotas de caminhoes e transportes para pegar os generos nos centros apropriados, portos, etc, e leva-los aos centros populares de consumo, onde se instalam os armazens destinados a entrega-los ao povo."

"Para as classes medias há as cooperativas de distribuicao e consumo. Quanto aos ricos, que se arrumem. Ao lado disso, a montagem de um outro sistema de distribuicao de rendas... A burguesia vai chiar, as classes medias gritam, mas se vao dividindo, como já o estao, inclusive ideologicamente; a pata, porem, do poder proletario se vai fazendo sentir de mais a mais. Este é o poder novo que está surgindo de dentro do velho. o aparelho de Estado range por todos os cantos".

Mario sentia o desfecho do processo chileno. Nessa mesma carta comenta: "Dei-me aqui a tarefa de criar e instalar o Museu da Solidariedade, e nao largo a cousa para fugir para nao sei onde. A hora das dificuldades nao passou. Mas sao os ossos do oficio para os que no Chile botaram na cabeça que teem de fazer a famosa transicao ao socialismo. Creio que a coisa vai se tornando cada vez mais irreversivel. Esses proximos seis meses sao decisivos. Nao há porque tragificar as cousas."

Aqui Mario revela seu apego e paixao a esse processo: "nao há porque tragificar as cousas. isso é bom para meia duzia de brasileiros super-revolucionarios que se afastaram do Brasil mas nao chegaram ao Chile, e vivem soberanamente alienados, a espera do momento de refugiar-se numa embaixada... Sao revolucionarios que só admitem a revolucao no Brasil, e segundo o figurino que confeccionaram... Eiste um processo no chile, mas continua sendo ao modo chileno. e este é complicado, e dificil de se entender. Mas está andando, e mais imcompreensivel ainda, com democracia".

Em outra carta, de 13-11-72, Mario assinala que "mando junto com esta recortes de cartas minhas para varios amigos em que saliento alguns tracos sobre a formidavel crise por que acabamos de passar. Sob muitos aspectos, deu-se um passo a frente e, de certa forma, o famoso salto qualitativo. Revi agora a carta que vos mandei, e verifico que ela foi confirmada pelo desenvolvimento ulteior. Antes assim."

Vejamos, numa especie de dossier chileno, o que Mario escreveu a varios amigos.

Na carta de 12-11-72, destinada a L.M., Pedrosa analisa a dinamica da luta de classes no Chile, enfatizando, como sempre, o papel dos trabalhadores:

"A proposito do Chile(...) Temos vivido uma experiencia riquissima(...) A tensao politica porem era alta, e sentia-se um clima pré ou para-revolucionario. Neste pais de povo moderado e, em geral, sem imaginacao, mas de comportamento surrealista, tivemos a originalidade unica na historia de uma greve geral burguesa, em nome da solidariedade gremial, contra o governo, mas a favor da restauracao da ordem capitalista já em pandarecos talvez irreversivel.

E todos os dias entrava mais um contingente social em paro. Camioneros, comerciantes, medicos, dentistas, donas-de-casa, putas, engenheiros, arquitetos, por um dia ou dois onibus e taxis, bavcarios, servicos, construtores, estudantes, garotos armados de estilingue, iam parando e o governo, nos primeiros dias, olhando tudo, sem saber muito o que fazer, e dizendo besteira até que a cadeia de paros estacou na porta das fabricas, usinas, empresas industriais:

os operarios recusaram a ordem de parar, mesmo com a jornada paga. E nao só foram para as fabricas, como as puseram a trabalhar. E nos dias em que os onibus da cidade e os taxis nao funcionaram, andaram quilometros a pé, e nao faltou um só, nem mesmo nas segundas feiras em que matam muito o trabalho. Os patroes ficaram bestas, o Governo saiu do bobeamento em que caiu, os partidos de esquerda enfim desencantaram, os comunistas a frente.

Restabeleceu-se um servico de distribuicao, sobretudo para os bairros pobres, que nunca estiveram tao bem sortidos, com carne de vaca, etc. E os bairros chic na pendura... Atras dos trabalhadores sairam os estudantes, professores universitarios, ao trabalho voluntario, descarregando e carregando milhares e milhares de sacos de arroz, farinha, acucar, o diabo(...)

Na carta para Hervé Fischer, pedrosa conclue seu relato do mesmo processo: "A outra surpresa foi a atitude de lealdade ao governo por parte das forcas armadas. A sublevacao burguesa despertou a consciencia operaria e popular: isso foi magnifico".

Para George Boudaille, escreveu na mesma epoca: "...o governo Allende é muito sólido. Mesmo se perdeu as eleicoes gerais em marco. (...) Nao direi que nao haverao novas crises, mas será dificil uma outra tao grave quanto essa que vivemos... A grande burguesia e os imperialistas receberam um golpe muito duro com esta derrota que sofreram".

Contudo, na carta para critica de arte norte-americana, Dore Ashton, finaliza nos seguintes termos: "But that doesn't mean that a new crisis will not come again. It will. But I believe that a new step was taken now".

Em carta de 1973 (sem data), Mario escrevia mais uma vez para seus parentes, tambem exilados. "Isto aqui está atravessando uma fase chata, sobretudo depois do paro, quando havia tensao nos espiritos e certa excitacao, sinal dos tempos. Agora há pasmaceira, e algumas colas chatas para se prover de cousas... O caminho da revolucao chilena é

complicado.Vale a pena segui-lo de perto.A experiencia é cada vez mais rica..."maria fala da tarefa no Museu,"Aqui,tudo ainda devagar,sobretudo em materia de arte ou cultura.E o Museu com excelentes perspectivas nao faz excecao,e o trabalho de preparar sua sede,instala-la,etc,é demorado...

Em agosto de 1973,Pedrosa encontrava-se na Europa,promovendo o seu Museu.Nos dias 6 e 9 ,escreve de Madri,mais uma vez analisando o quadro chileno:

"Quanto a situacao politica,3 coisas achei importantes agora: 1) a poderosa contra-ofensiva da DC que parece ter quebrado o monopolio pratico do Allende das manobras com o Exercito.Ela agora já tenta manobrar com ele contra o governo...Mas o que quer agora a DC é fazer do Exercito o arbitro bonapartista acima das classes.

2) a ocupacao macica das empresas pelos trabalhadores e destas fazer os bastioes do poder proletario...

3) indicios mais claros de divisao dentro da UP.Que há divisoes no PS é certo,mas no PC?

Tudo indica que vamos chegando proximo a ponto de desenlace.Pero,tendo em conta o surrealismo politico que aí domina - esperamos o desenvolvimento".

Na carta seguinte,Mario volta a falar do Chile: Pelo que vejo - todo o palavreado politico se reduz aos que detem poder de fato: exercito e povo.Este -numa posicao tipicamente chilena- no seu reduto final: a fabrica,a empresa.A grande vantagem estrategica do governo UP é terem como principal aliado os operarios ocupando as empresas e armados dentro delas."

Comenta a participacao dos chefes militares no novo gabinete,:"...apos longas conversacoes,resolveram refazer mais uma vez o gabinete,desta vez,com os altos chefes militares no governo e mais o chefe dos carabineiros (os que fazem a repressao geral).isso,para que ? Para evitar que o Exercito se divida ou se divida "antes"do tempo e o Allende continue a ser chefe de governo...obedecido? Na realidade,este governo é tao debil que só agora (treze dias da greve estalada) há decreto de prisao contra o Villarín...Repete-se outubro, com mais radicalismo.Agora,o Exercito nao pode mais bancar o neutro em toda essa embrulhada.E o governo Allende só se sustenta se puder baixar o pau nos Villaríns & Cia e sustentar incolume as empresas com seus trabalhadores e armas.(A lei do registro de armas foi aprovada por inepcia,ineficiencia ou negligencia dos deputados da UP...

Mario ressalva que "isto foi um exercicio de analise que fiz,com as poucas noticias que tenho,para tentar-me esclarecer a situacao.Coincide com a de voces ai?".

Em 26 de agosto,outra carta:"Sua carta ultima,hoje recebida,é otimista,mas eu nao...espero que voces já tenham recebido minha ultima carta em que fiz uma analise da situacao,polarizada entre a greve subversiva dos camioneros e a ocupacao das fabricas pelos obreros.Ou Allende punha termo a greve e dava uma cana seria nos Villaríns,ou estava frito.Daqui o que ressalta é que nao teve forca para jogar os seus milicos contra os Villaríns,acabar com a greve,o que levou a demissao de Pratts (pressionado pelas mulheres dos generais de sua

casta),o reforçamento da direita e a demonstracao de impotencia da UP".

Mario Pedrosa,entao,tirava conclusoes proximas do que iria ocorrer no Chile,em 11 setembro de 1973.

"Nessas condicoes,podem nao derrubar o Allende mas este será forçado a um acordo com a DC e milicos para evitar a guerra civil,etc.isto significa que eles todos vao transar.Ficam de fora os "extremistas" sobretudo de direita que poderao tentar um golpe de mao contra o proprio Allende (assassinando-o,etc).O preco da acomodacao ou da capitlacao é que vai depender de muita negociacao,que se fará sob a hegemonia das classes medias".

Mario Pedrosa voltou ao Chile em 9 setembro,dois dias antes do golpe militar.Ficou 17 dias escondido em casa de amigos e ,depois,mais 17 dias na embaixada do Mexico.Em seguida iria para Franca.Mais um exilio.De Paris,escreveria,em 12.03.74: "Mas que o mundo está tenebrosamente interessante está".iniciaria suas "Teses para o Terceiro Mundo",ou como dizia,"as dez teses que abalaram o mundo".Neste periodo,Mario passou alguns dias em Lima,vendo in loco o processo peruano.Tambem esteve,durante uma semana ,em Lisboa,em fevereiro de 1976.

=====

Chile= Arte e revolução

" Toda vez que un pueblo,un Estado revolucionario,empieza a hacer la gran tarea de cambiar el mundo,de destruir el mundo burgues,eso es para mí el arte"

(Mario Pedrosa/Chile,agosto 1971)

No Chile,Mario participou da fundação do Museu de Solidariedade,a pedido do presidente Allende.

O Governo da Unidade Popular suscitou um grande debate em torno do tema "Arte y revolucion".Em varias instituições artisticas realizaram muitas exposições em torno da questão " arte latinoamericana".Assim,"America no invoco tu nombre em vano" (Instituto de Arte Latinoamericana da Universidade do Chile);"Encuentro de Artistas del Cono Sur";" ncuentro de artistas del mundo andino";" La historieta latinoamericana".

Tambem foram organizadas exposições e projetos: " Homenaje al triunfo del pueblo";" El arte brigadista";"El pueblo tiene arte com Allende".Inclusive,a mais polemica exposição de artes visuais,no Museu de Arte Contemporanea: " Las 40 medidas de la Unidad Popular".

" El espiritu que privilegiaba tendia hacia una liberacion de las ataduras classicistas e imperialistas del arte y la cultura de las naciones del continente.la ideia era estabelecer un caracter ideologico y artistico proprio y preparado al mismo tiempo para situar-se en el contexto de un destino y desarrollo comum de los pueblos latinoamericanos" (Gaspar galaz C.)

A plataforma ideológica do Governo estabeleceu 40 medidas básicas para organizar a realização desta nova postura cultural.

Estas medidas despertaram muitas polémicas. Mario Pedrosa expressa a dinâmica e o espírito que tomaram conta do processo chileno:

" O povo se transformará com o aprofundamento da revolução, os artistas jovens vendo o processo revolucionário quando este processo toma formas mais profundas, mais radicais, mais emocionais, mais arrebatadoras. Neste sentido creio que temos que falar como disse Mariategui, quando fala do mito de um ideal que levante o ar; isto houve em Cuba, e na Revolução Russa. Nos primeiros momentos da revolução Russa, os artistas não esperaram por ninguém; saíram à rua. Tratava-se de uma junta de artistas geniais, mas que ninguém sabia que eram geniais, e que foram às ruas e falaram o que era a arte revolucionária. E, hoje se vê que a arte revolucionária eles a fizeram, e não após com a geração que cumpriu, apenas, os ditames do grupo dirigente, porque ninguém em arte é eminentemente passivo, eminentemente revolucionário. Também não se pode passar por cima da contradição que existe na posição do artista na sociedade atual. Em todas, desde a sociedade que não é fundada na economia competitiva; a crise da sociedade dos países socialistas é patente, é profunda e fecunda.

Falei que os revolucionários encontraram os mecanismos e mobilização do povo já institucionalizados; na Rússia, que é também a equiparação para nós que vale, o Partido se formava com a formação da arte. Ao mesmo tempo que Malevitch, ou que Maiacovsky, ou que Tatlin andavam pelas ruas e por todas as partes fazendo coisas, o que hoje espanta a todos, Lenin, Trotsky, todos; improvisavam, criavam. Este é o caráter mais claro, mais completo e conjunto da revolução. No Chile é uma revolução que começa com um reformismo, é um reformismo revolucionário, e por isso é um modelo novo. E isto tem também um lado patético, que deve surpreendernos todos os dias, em todos os momentos, a intelectuais, artistas, a todos. Ao mesmo tempo há uma luta em duas frentes: a luta revolucionária, a luta que se faz pela propaganda, e a luta cultural da arte mesma... Há sempre uma transfusão de cultura de uma sociedade a outra... O que importa nesse sentido é verificar que o artista tem que mostrar a cara, e ao mesmo tempo trabalhar com os políticos, os militantes, os ativistas, na rua, como este trabalho formidável das Brigadas Ramona Parra, que tem um valor exemplar no mundo, e com o afiche, com a propaganda, como se faz em Cuba. Mas, ao mesmo tempo, os artistas fazem experiências que são inevitáveis."

O processo político chileno desencadeou diversas formas de participação dos artistas. Por exemplo, a OPERACIÓN VERDAD, que correspondeu ao convite do Governo de Allende a um grupo de artistas e intelectuais, em 1971, para irem ao Chile e ficarem durante duas semanas, experimentando contatos com a realidade, que era deformada pela propaganda da mídia capitalista. Foi durante esta operação que alguns convidados resolveram dar seguimento a sua ação, organizando o Museu da Solidariedade, tarefa confiada por Allende a Mario Pedrosa.

Mario, tomado pelo entusiasmo, fala de algumas experiências, " Me tocó a mi, unos meses atrás, acompañar a los muchachos de la Brigada Ramona Parra en una parada de bus para pintar. Antes de eso fui a la sede de las Brigadas Ramona Parra y había escritos que sonaban como Paris de 1968, y lei allá, con mucho agrado, LA REVOLUCIÓN ES ARTE'; TOMAR LAS TIERRAS ES ARTE, y despues ? QUE ES ARTE? NO SE QUE ES. Punto. Entonces yo he leído eso con mucho entusiasmo, porque para mi es verdad.

La revolucion es para mi el punto más alto del arte, porque es la transformacion misma del arte, que propone el arte. Yo decia en mi juventud que Lenin era el mayor poeta. Porque hoy en dia estamos en una situacion en que, como todo el mundo habla del mundo en transicion, existe una crisis de la sociedad, de la cultura. Toda vez que un pueblo, un Estado revolucionario, empieza a hacer la gran tarea de cambiar el mundo, de destruir el mundo burgues, eso es para mí el arte. La mais grande creacion. Pero despues hay los otros niveles, y entonces llegamos al nivel de los artistas, que son artistas porque no pueden ser otra cosa. Como nunca en otra epoca, los mejores artistas sienten dos cosas: por un lado, la crise profunda de todos los valores y la crise del arte; y por outro, la necesidad, de uno u outro modo, de configurar el mundo, transformar las condiciones para el hombre nuevo, completo, libre, individual. Esta es una tarea gigantesca".

Para Pedrosa, "...la primera tarea de todos, artistas y no artistas, es hacer la revolución, es transformar la sociedad; la revolucion no se mueve sólo en el plano politico, no se trata de pensar que quienes tienen el poder politico saben mas que nosotros. No saben más. Saben, tal vez, menos que nosotros, pero tienen la condicion y la capacidad para, no dirigir, porque es imposible, pero para poner con más claridad de la que los artistas pueden, esta situacion. Y entonces es aquí que es fundamental la iniciativa del artista por sí mismo; que busque soluciones, que exista la necesidad de una creatividad inmanente en el arte, que es la voluntad de iniciativa general. Yo estoy, inclusive, de acuerdo con Lenin, que decia " la iniciativa es el pueblo; mientras más iniciativa del pueblo, más creatividad, desde (ininteligible) más bajo, hasta lo último de la superestructura".

=====

SOCIALISMO E REVOLUÇÃO CULTURAL

" Em sua essência, a luta pelo socialismo é a luta pela cultura".

(Mario Pedrosa, Chile, 1971)

Anteriormente, em texto de fundamentação para Mesa-Redonda do debate acima descrito, Mario afirma que o processo chileno " define um modelo de socialismo, novo em relação ao historico modelo russo de 1917" e assinala a diferença do papel dos artistas em ambos modelos:

No primeiro (russo) pelo menos na fase inicial, predominou a improvisação geral, politica, economica, cultural, artistica, necessariamente em decorrência do fato de ser a primeira experiência de socialismo que se fazia na historia moderna. Em tal situação, no dinamismo de sua energia criativa, os artistas tendem a adiantar-se aos novos dirigentes politicos que provêm das diversas facções de um partido revolucionario ainda em ebulição.

No segundo (chileno) os artistas, por sua vez, defrontam-se com uma nova equipe dirigente formada em diversos partidos na luta eleitoral e os seguem em suas diretrizes

Segundo o modelo russo,tal como se apresentou na historia,o socialismo é aberto,ninguem o define a priori,nem o proprio Lenin,que viu mais longe no espelho do futuro.

O modelo chileno,ao contrario,quer definir-se levando em conta a experiencia passada,de 1917 até hoje,com todos seus erros e acertos.Segundo ele, que papel está reservado à frente cultural e a seus artistas ?".

Para Pedrosa," A arte hoje não é mais um simples meio privilegiado de expressão plastica,é também um formidavel meio de comunicação com o povo, um meio de informação insubstituível. A luta pelo socialismo faz de seu uso e direcionamento uma condição de sua vitoria.A conquista das massas hoje em dia não se faz mais pela palavra,mas sobretudo pela imagem,e a imagem é o dominio privilegiado dos artistas.

Mario argumenta numa perspectiva similar à Mariategui ,quando este afirmava que " Ao mesmo tempo que é conquista do poder,a revolução é conquista do pensamento...é conquista do pão,e também da beleza,da arte...".Para Pedrosa," o processo revolucionario aberto no Chile tende a conduzir de muitas formas a luta pela conquista dos meios de comunicação de massa,que são verdadeiras unidades castrenses onde se dispõe das armas ideologicas indispensaveis à transformação dos espiritos nos entido do humanismo socialista...Em sua essência, a luta pelo socialismo é a luta pela cultura. Por sua propria natureza,essa luta é a mais profunda

e universal de todas..."

Em " Arte e revolução" (1967),Pedrosa já argumentava nesta mesma perspectiva: " A revolução politica está a caminho;a revolução social se vai processando de qualquer modo;nada poderá dete-las.Mas a revolução da sensibilidade, a revolução que irá alcançar o amago do individuo, sua alma, não virá senão quando os homens tiverem novos olhos para olhar o mundo, novos sentidos para compreender suas tremendas transformações e intuição para superá-las.Esta será a grande revolução,a mais profunda e permanente, e não serão os politicos, mesmo os atualmente mais radicais, nem os burocratas do Estado que irão realizá-la.Confundir revolução politica e revolução artistica é, pois, um primarismo bem tipico da mentalidade totalitaria dominante".

Em outro trecho,Mario pergunta: ".. Não é isso a revolução ? De fato, a luta pela cultura é, em linguagem mais militante, o que se chamou "revolucao cultural".Ela parte dos mais baixos niveis culturais tendo como prioridade elimina-los.A revolução Cultural começa aqui,por exemplo,no nivel dos povoados e rincões mais desolados dos camponeses,onde tudo se passa num nivel de mero consumo de subsistencia.Parte-se daí para chegar sem interrupção aos niveis mais altos que o progresso tecnico,cientifico,estetico,moral,politico possam alcançar.Que função os artistas têm nesse processo cultural? Quanto mais alto for o nivel dessa revolução,mais proximo o homem estará do limiar do socialismo.O extremo mais baixo do subconsumo é inadmissivel para a dignidade humana.Antes de tudo é preciso reconhece-lo.Sua importancia decisiva consiste sem er necesario elimina-lo como primeiro passo na realização do projeto socialista chileno".

=====

Politica e Cultura

A "sensibilidade romantica socialista"

Apos a experiencia do Chile, Mario segue para França, e estuda a etapa em curso do Imperialismo através de Rosa Luxemburgo ("era o espírito menos "europeu-centrista" de todos). "Tendo definido a crise na qual se está mergulhado como uma crise capitalista de âmbito, anímico, mundial,, é oportuno que se vá às estantes da imensa biblioteca marxista já imersa na poeira dos tempos e que se pegue nela a obra mais aberta a esse tema: "A Acumulação do capital", de Rosa Luxemburgo. Não é uma obra irrefutável; longe disso, mas melhor, trata-se de uma obra ainda oportuna, atual e cheia de contradições".

Edmon Moniz, em resenha deste livro de Mario, afirma que "A obra de Mario Pedrosa sobre Rosa Luxemburgo e a crise do imperialismo retoma, em profundidade, o exame científico de um tema obscuro que é da mais alta importância para o mundo atual. Não se trata apenas da apresentação das idéias de Rosa Luxemburgo e da análise do que elas significam no desenvolvimento das doutrinas econômicas. Trata-se também de ampliá-las, tendo como objetivo a atualização de suas concepções sobre o imperialismo".

Pedrosa abandona o "europeísmo" e aponta para a "revolução dos povos em auto-gestão", referindo-se às lutas do Terceiro Mundo. Seus últimos trabalhos tomam os "danados da terra", expressão do revolucionário Argelino Frantz FANON, como os sujeitos da revolução. Contudo, não há nenhuma conotação de defesa do "lumpen", como era moda nos anos 60, a partir de posições de Marcuse. Apenas reflete sua visão sobre o quadro mundial que se configurava no final dos anos 70.

Também, no campo artístico, Pedrosa empreende grandes mudanças, retomando, aprofundando e atualizando sua sensibilidade romântica socialista.

Mario Pedrosa em "Arte dos Caduceus, Arte Negra, Artistas de Hoje", (1968) afirma: "Ao início do século, quando artistas individuais como um Matisse ou Picasso, em Paris, ou um Mark, em Oresdem, na Alemanha, tiveram a revelação da arte negra, não foi nos museus de Arte ou galerias de Arte, onde não havia lugar para ela. Foi nas lojas de exotismo ou em alguns museus de História Natural que só então se abriam. O que os abalou foi a vitalidade plástica, a beleza formal daquelas imagens, daquelas fetiches negros ali expostos como

curiosidade exótica... Ou, "O cubismo nasceu das costelas desses fetiches... A arte negra continua a valer para nós com todas as suas eminentes qualidades estéticas e formais... O artista primitivo cria um objeto 'que participa'".

=====

Artesanato e Economia Solidária/Popular

"...O artesanato participa ativamente na transformação da sociedade. tanto na medida em que é um campo onde se avança na "destruição" dos valores de classe, quanto na que contribui para a desalienação cultural que se expressa inclusive na concepção do lar: trata-se de criar um novo ambiente íntimo para o chileno"

(Mario Pedrosa, exílio em Paris, 1975).

Nos debates no Chile, Pedrosa retoma sua ideia de " uma crise que ocorre em todo o mundo da arte na sociedade de consumo de massas..A arte moderna terminou. Hoje em dia há uma arte que eu chamo de arte pos-moderna".

Em contrapartida, Mario valoriza a arte popular, sobretudo, aquela relacionada à forma do trabalho associado ou cooperativo.

Mario, em uma Comunicação para um Seminário de " Arte Popular", México 1975, intitulada " Arte Culta e Arte Popular", reflete sobre mais um aspecto da experiência chilena, desta vez, articulando arte e cooperativismo popular, mostrando o papel múltiplo da arte em um processo de transformação social. Mario analisa a " experiência artesanal no Chile de Allende".

" O crescimento da atividade criadora correspondeu, de maneira natural, ao avanço de uma classe. Desde o período da democracia Cristã, existia uma cooperativa nacional que organizava a venda e a produção do artesanato: Cocema (Cooperativa Centro de Maes). A função desta instituição era, contudo, fundamentalmente comercial. Na realidade, servia de intermediária entre o artesão e o cliente, centralizando a venda dos produtos. Sem deixar de lado esta função, importante pois contribuiu para criar um mercado de que necessita o povo desempregado, a Unidade popular orientou em outros aspectos o sistema cooperativo. A popularidade que as produções artesanais adquiriram e o mercado interno e de exportação que se criou em torno delas, onde a demanda superava amplamente a oferta, permitiu não só o estímulo dessa atividade, como também a criação de numerosas pequenas indústrias e a incorporação em forma de centros de maes ou comunidades de bairro, de novos setores à produção. Assim, por exemplo, formou-se em Ilha Negra, uma cooperativa de " tecelãs" que ficou famosa pelo impulso que lhe deu um dos moradores, que organizou uma exposição de seus trabalhos em Paris: Neruda. Durante três anos, todas as mulheres dos pescadores trabalharam tecendo tapetes. Em outras regiões, desenvolveram-se inclusive, vilas em torno de uma indústria, como é o caso de Toconao, ao norte do Chile, onde os habitantes se dedicavam ao talhe de estatuetas em pedra-sabão.

A expansão do artesanato a estes níveis produziu, de imediato, importantes efeitos sociais. Em primeiro lugar, mudou a condição do artesão. No Chile, até então, essa era el hombrecito aquél...ou la mujercita aquélla. Sua condição continuava sendo uma clara expressão do sistema " patronal". Dependia totalmente dos donos de boutiques, que lhes pagavam preços ínfimos. Seu produto destinava-se a um comércio de luxo, exclusivamente para turistas. O melhor exemplo desta forma de exploração era, em Santiago, o Chilean Art, cujo nome basta para indicar o tipo de mercado a que nos referimos. Com a organização das cooperativas artesanais, que se ocupam diretamente da venda, o artesão se liberta do comerciante dirigente intermediário. Simultaneamente, surge um novo mercado. A redistribuição da renda durante a UP, que

favorece os setores mais desprovidos, cria um novo público. Isso terá um duplo efeito: de um lado, dá uma grande liberdade criadora ao artesão, pois o aumento da demanda garante sua subsistência e da sua família, sem que ele seja sujeito a um patrão que lhe impõe um único modelo; por outro lado, a difusão do artesanato entre os setores populares também contribui para a desalienação do "gosto". Nas casas da pequena burguesia e nos lares proletários, lentamente, os tapetes "criollos", as tecelagens de palha e crina, as estatuetas policromadas de Melipilla ou as pedras de Toconao vão substituindo, nas paredes, as más reproduções e as folhas de calendário, contribuindo assim para a formação de um novo ambiente plástico íntimo para o chileno.

Desse modo, a condição da mulher é profundamente afetada pelo desenvolvimento dessa indústria. Modifica-se sua condição no lar. A mulher do camponês ou do operário, antes dedicada exclusivamente aos mais duros trabalhos domésticos e, frequentemente, tendo que contribuir para o orçamento trabalhando como criada nas casas da burguesia local (lavando, cozinhando, limpando etc), descobre uma atividade que, além de liberá-la dessas necessidades, compensando-a economicamente com vantagens, dá-lhe um prestígio que afirma sua situação no lar, assim como no interior do grupo local e familiar.

A nova condição do artesão motiva também a burguesia a incorporar-se a esta atividade, até então vista como indigna de sua classe. Todo ofício manual sempre pareceu impróprio para a alta burguesia e para a chamada "classe média", salvo, naturalmente, aqueles que podiam ser considerados artísticos e que, conseqüentemente, alcançavam uma cotação especial no mercado, como a chamada joalheria artística. Com esse título, o suposto artista pretendia (e pretende) diferenciar sua produção da do joalheiro operário, tanto do ponto de vista do status como do econômico. Neste ponto, opera-se no Chile, como em toda sociedade em que o processo revolucionário começa a pagar as diferenças de classe, uma ruptura na ideologia burguesa. A distinção entre artesão e artista se desvanece e o artesão assume a condição social de artista. Esta transformação atinge imediatamente outros setores. A universidade percebe que é oportuno preocupar-se com o artesanato e, nas escolas de arte, ele torna-se uma das atividades que têm preferência. Os artistas, por sua vez, "descem de seu pedestal" e se interessam pelo "ofício", o qual não faz distinção entre a soldagem do escultor e a do artesão. O artesanato chega a parecer uma atividade tão importante como a pintura ou a escultura. Além disso, torna-se remunerativa.

Por outro lado, os objetos artesanais mudam de significado. Antes eram um souvenir turístico e a maioria deles trazia gravada sua condição: lia-se *Recuerdo de Chile* nos cinzeiros de cobre, etiqueta que, frequentemente, podia ser lida em várias línguas. Com a UP, a situação muda: o artesanato passa a ser prestigiado e seu público mais importante começa a ser, em primeiro lugar, a própria burguesia chilena, especialmente a esquerda, que começa a decorar suas casas buscando uma identificação nacional ou latino-americana. E logo abre-se uma possibilidade de demanda para as classes trabalhadoras, que adquirem uma capacidade de consumo tal que lhes permite atender a suas necessidades diretas e ascender a outros mercados. Assim, o artesanato participa ativamente da transformação da sociedade. Tanto na medida em que é um campo onde avança na "destruição" dos valores de classe, quanto na que contribui para a desalienação cultural que se expressa inclusive na concepção do lar: trata-se de criar um novo ambiente íntimo para o chileno.

Naturalmente, este auge leva à criação de uma política de fomento, a qual é realizada, primeiro, por instituições universitárias em ativa colaboração com as empresas recém-estatizadas. Em Santiago, o Instituto de Arte latino-americana realiza um primeiro projeto e, juntamente com a mina de El teniente, uma das grandes jazidas de cobre da região, funda a Casa de la Cultura de Coya. Nela se instala um grupo de artesãos que abre diversas oficinas destinadas aos trabalhadores: tear, cinzelamento em cobre, escultura, pintura etc. A resposta é imediata: uma grande quantidade de operários, aproveitando suas horas livres, incorpora-se às oficinas. Mas são sobretudo suas mulheres que acorrem a elas. O incremento das possibilidades econômicas permitiu-lhes liberar parte de seu tempo para novas atividades. Um exemplo: a capacidade de comprar uma máquina de lavar ou de costura, para uma mulher que tem quatro ou cinco filhos, permite-lhe reduzir consideravelmente seu horário de trabalho e lhe dá a oportunidade de dedicar a outras tarefas. O interesse pelo trabalho nas oficinas era tão grande que estas tinham que permanecer abertas depois dos turnos normais e mesmo nos dias de festa.

Os grupos artesanais geram, por sua vez, outras atividades. Como se convertem em centros de reunião, no seio de uma prolongada convivência, tomam iniciativas. No início, pequenas festas em comum, porém logo são convidados cantores para dar recitais e grupos de balé e de teatro. De vez em quando, realiza-se, inclusive, um grande espetáculo. Com a colaboração da embaixada em Santiago, é apresentado em El teniente o grande show de músicos cubanos "De Santiago a Santiago". O êxito dessas "aventuras" culturais entusiasma os trabalhadores, os quais descobrem sua capacidade organizativa e sua possibilidade de participar, inclusive de montar, espetáculos que antes eram o apanágio da burguesia. Duas instituições da Universidade Central de Santiago participaram ativamente da coordenação deste trabalho: o Instituto de Extensão Musical e o Instituto de Arte latino-americana.

É preciso assinalar, por último, que a organização do trabalho artesanal nos centros operários dá origem, como em outros casos, a uma pequena indústria que, embora nos primeiros tempos apenas seja capaz de financiar uma oficina, logo se projeta como uma fonte de receita para a comunidade local.

A experiência de El teniente se repete, em outras indústrias. Em El Salvador, outra das grandes minas de cobre do país, e nas empresas estatizadas da capital: Texti Progreso etc. Ao mesmo tempo, criam-se nos bairros operários, que rodeiam a cidade de Santiago, "centros de mães", nos quais se reúnem as mulheres dos moradores em torno de uma atividade artesanal, de preferência a tecelagem. Por sua vez, as Casas de Cultura (havia uma em cada município) não querem ficar atrás e organizam cursos para os vizinhos do setor.

O que dava uma nova dignidade a esses grupos era o fato de que o povo se incorporava a uma tarefa criadora, nela encontrando um esplêndido alargamento de suas faculdades de inteligência, sensibilidade e sociabilidade. O povo sentia-se com uma nova consciência de seu papel na grande sociedade. Por isso mesmo, os "centros de mães" constituíram-se numa forma de estruturação política em nível de bairro, a partir dos quais frequentemente se organizaram as JAP, ou seja, as juntas vizinhas de abastecimento e preço, através das quais o governo de Allende tentou romper o bloqueio econômico com que o cercavam o capitalismo estrangeiro e o nacional com seus aliados, as associações de transportes e os pequenos comerciantes. Era natural que, depois do

golpe, o fascismo não hesitasse em perseguir esses centros e tentassem controlá-los, porque representavam outro dos avanços que o povo realizou durante a experiência de Allende.

Não se pode tratar desinteressadamente da arte popular, assim como, na arte erudita, se analisam as qualidades de suas grandes obras. Isto só existe em determinados contextos. Nas grandes economias monopolistas, a arte popular não tem condições de subsistir, pois de uma forma ou de outra, é absorvida e negada desde que tenha obtido algum êxito em algum de seus centros provincianos. O mercado não permite que nenhuma outra atividade sobreviva fora dele. As economias primitivas ou subdesenvolvidas, quando sobrevivem, essas atividades vegetam. Nas sociedades em vias de transformação revolucionária, em um sentido de libertação nacional e socialista, essa arte pode florescer desde que haja duas condições essenciais para isso: a liberdade criativa e a alegria popular. Quanto à arte erudita, não há mais condições para a sua existência, nem nas grandes democracias do Ocidente, nem nos países de economia socializante. Nos países imperialistas ou capitalistas, não se pode confundir "liberdade de criação" com o "exercício experimental da liberdade" que praticam ou podem praticar seus artistas; nos países não mais capitalistas, até agora, falta a seus artistas, no geral, uma autêntica liberdade de criação; quanto ao exercício experimental, as condições sociais existentes ainda não permitem que seus artistas o pratiquem. Nessas condições, a arte erudita é sempre um produto híbrido".

Após seu retorno ao Brasil, Mario prossegue com esta ideia, e, por exemplo, em seu texto "Variações sem Tema ou Arte da Retaguarda" (I Bienal Latino-americana, janeiro 1978), finaliza com uma citação do balanço ("Bienal, de lá para cá") que fez antes de partir para o exílio chileno, em 1970:

"Não há mais lugar nesta sociedade para a arte moderna... Por ter ficado elitista... ela saiu da ordem do dia... Uma arte pós-moderna inicia-se".

Pedrosa enfatizou cada vez mais a arte indígena, chegando a promover uma Exposição sobre o mundo indígena, que tomou o nome, bem no seu espírito "barroco", de "Alegria de Viver", "Alegria de Criar". Sempre através da Arte, já na década de 1950, apontava a importância do inconsciente na criação artística, valorizando, depois, o "Museu da Imagem do Inconsciente" da Dra. Nise da Silveira.

"Quando volta ao Brasil em 1977 de seu último exílio, Mario declarava não mais querer ser considerado como crítico de arte, preferia ser reconhecido como pensador político, pois para ele a arte no mundo inteiro estava em crise, uma crise de saturação... Foi daí que propôs uma exposição dos indígenas para que o país retomasse um pouco suas origens, pois o índio possui uma cultura muito rica em criações artísticas" (Franklin Pedrosa).

Sobre essa questão, Pedrosa daria um depoimento a Lígia Pape=

"Alegria de viver-Alegria de criar, é uma maneira de você levantar o sentido profundo da cultura indígena no Brasil mostrando que se dava numa época em que havia de tal ordem uma unidade entre a natureza e o homem, entre a natureza e o habitante da floresta, havia uma tal unidade que fazia com que o índio não pudesse ter uma atividade senão integrada. O índio não podia se separar da floresta. O índio não podia se separar do meio ambiente em que vivia.

Ele aprendia as coisas na luta por viver. Para ele não havia empecilho fundamental nessa luta por viver porque esta luta por viver é a luta em que ele se integrava com a natureza, com os outros bichos, com tudo cobria por ele mesmo, por sua habilidade, por sua ação, por seu trabalho que não era uma pena. Não era uma condenação.

O trabalho do índio era um trabalho feito de alegria e de dominação cada vez maior e de integração cada vez mais, dele com a sua terra, dele com as suas casas, dele com a sua rotina, com o seu aprendizado de todo o dia para criar o que ele queria. Quando ele descobria as coisas, ele descobria em alegria.

Ele via aumentar o seu poder de integração entre o que ele fazia e o que a natureza dava.

Daí que eu digo que é raro, muito raro, só em certas épocas da história é que há essa extraordinária unidade de ação entre o índio e a natureza, entre o índio e os bichos, entre o índio e o que a natureza prodigializa todos os dias.

O índio não tinha nada que o impedisse de ser alegre. O índio não vivia submetido como mostrava toda uma velha antropologia, submetido a uma necessidade de cada vez trabalhar mais para se sustentar.

Isto está errado.

Marshall Sahlins mostra que quando o homem trabalha, o trabalho é libertador, o trabalho é criativo.

É por isso que a arte - trabalho não é digno de pobreza nem de obrigação.

É uma integração da maneira do índio viver no seu terreno, na sua terra e ao mesmo tempo trazer para o mundo uma arte alegre.

Um trabalho alegre em que não está dominado por nenhum empecilho e por uma obrigação terrível de produzir mais para poder ter mais para comer. Marshall Sahlins mostra que no paleolítico houve uma época em que a abundância era o normal na civilização do índio, na civilização primitiva.

A ideia de que era preciso cada vez mais trabalhar para poder produzir mais, é uma lei da escravidão, do capitalismo desde os seus inícios.

Hoje está provado que isso não se deu na história da produção primitiva dos homens.

Esse foi um conceito para criar a obrigatoriedade da acumulação aos que tinham por objeto acumular riquezas sem outro propósito senão o de dominar os outros" (Mario Pedrosa, abril de 1979).

Helio Pellegrino, quando dos 80 anos de M. Pedrosa, nos forneceu a "chave de seu pensamento":

"Essa articulação estrutural - jamais acidental! - entre arte e revolução, o desvendamento de uma dimensão constitutivamente estética no fenômeno político, formam a meu ver a viga mestra do pensamento de

Mario Pedrosa e a chave que nos ajuda a compreender o seu projeto de existencia".

" Mario Pedrosa ,desde sua primeira juventude, dedicou-se ao conhecimento da arte e à militancia revolucionaria.Estas duas praticas, profunda e indissoluvelmente amalgamadas, vieram constituindo pelo tempo à fora, as nervuras riquissimas desse nobre e belo desenho vivo que agora ancança os oitenta anos...

" Na arte, o homem empunha - lúcido,ludico- a tocha da utopia,vontade inesgotavel de ordem sem opressão, de encontro sem temor, de esperança sem nenhuma ilusão.Na verdadeira militancia revolucionaria, o ser humano procura transformar em arte a pratica de cada dia".

" Esse tem sido o programa da vida de Mario Pedrosa".

Em seu prefacio ao livro " Mario Pedrosa,retratos do exilio"(de Carlos Eduardo Senna Figueiredo/1982),mais uma vez,Helio Pellegrino sintetizaria o legado de Mario:

" (...) Fiel às raizes marxistas de seu pensamento,Mario Pedrosa fez sempre da luta de classes a regra de ouro a partir da qual buscou compreender a politica e a historia.Sua confiança na força ascendente da massa trabalhadora - ética,estetica,politica - em nenhum momento desfaleceu.

Pelas decadas afora, passando por exilios e perseguições, nunca perdeu a paciencia e a esperança na iniciativa libertadora das massas.

(...)As classes ricas,nacionais e multinacionais,chegaram a ul tal grau de corrupção e de conivencia com a injustiça que, delas pouco -ou nada- se pode esperar.

Resta o pobre, a opção pelo pobre, a mobilização e a organização do pobre,nas comunidades eclesiais de base, nas associações de bairro, nos sindicatos operarios, nas fabricas, nos morros e favelas, em todo o lugar onde houver explorados e oprimidos Resta o despertar das grandes massas camponesas, na sua luta centenaria pela posse da terra.Resta,portanto, a opção brasileira,socialista e democratica.

(...)Esta é, a meu ver, a grande lição que nos legou Mario Pedrosa, atraves de sua vida e de seu texto.Não há revolução sem pratica revolucionaria.Para que a pratica seja possivel,junto as massas,é preciso quebrar qualquer ilusão sobre a onipotencia das ideias,fechadas em si mesmas.Não há pratica sem massa.Não há revolução no isolamento ou na auto-suficiencia de um dogmatismo arrogante.

Não há revolução sem modestia.São as massas trabalhadoras que sabem, ou podem vir a saber, sobre o seu proprio caminho.Qualquer vanguardismo intelectual que se arroke o direito de substituir as bases proletarias, torna-se fonte envenenada de erro e de ilusão.O verdadeiro revolucionario não vive de ilusão.Ele vive de esperança.

Se as derrotas chegam, e são amargas,é preciso aprender com elas, atraves da consciencia que se tenha dos erros praticados.A autocritica tambem é uma pratica,e só como tal escapa ao masoquismo e ao rancor.É preciso voltar à fonte, retomar a militancia junto ao povo pobre,aprender com ele o segredo da paciencia,da generosidade - e da alegria".

